



INSTITUTO DE HUMANIDADES– HL

CURSO: BACHARELADO EM HUMANIDADES

MARCIANO SANCA

**GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL GUINEENSE: UMA ANÁLISE
INTERDISCIPLINAR SOBRE AS TRAJETÓRIAS ESTUDANTIS**

ACARAPE, CE

2019

MARCIANO SANCA

**GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL GUINEENSE: UMA ANÁLISE
INTERDISCIPLINAR SOBRE AS TRAJETÓRIAS ESTUDANTIS**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira para obtenção do título de Bacharel em Humanidades

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vera Rodrigues

ACARAPE, CE

2019

MARCIANO SANCA

**GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL GUINEENSE: UMA ANÁLISE
INTERDISCIPLINAR SOBRE AS TRAJETÓRIAS ESTUDANTIS**

Aprovado em: ____/____/____ **Nota:** _____

Professor (a) orientador (a): Vera Regina Rodrigues da Silva

Professor (a) avaliador (a): Carlos Subuhana

Professor (a) avaliador (a): Michelle Cirne Ilges

1ª suplente:

2ª suplente:

ACARAPE, CE

2019

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus!

E Ancestrais pela vida, saúde e família humilde que tenho. Agradeço a minha madrastra Bela Luís Badinca e a minha mãe Teresa Tome, heroínas que me deram amor, carinho, apoio e incentivo nas horas difíceis. Ao meu eterno pai Silva Sanca, a quem dedico este trabalho.

Agradeço aos mentores de tudo que eu sou hoje, especialmente Albate Nhombe, quem passou de um amigo para irmão e o meu cunhado Silvino Laval. Agradeço meus irmãos e primos, Nna Sanca, Calos Sanca, Nikso Sanca, Atcho Sanca, Elizabete Sanca, Acinho Sanca, Joquel Sanca, Edumar Sanca e Jessica Sanca.

Agradeço a minha orientadora, Prof. Dra. Vera Regina Rodrigues por acreditar em mim e no meu projeto. Professora, não tenho palavras para lhe descrever, o seu incentivo e presença constante na minha vida foram elemento fundamentais deste trabalho.

Agradeço meus amigos/irmãos e companheiros Besna Mane, Carlos Joaquim, Davide Joaquim, Jorge Fernando Lodna, Lamini Sano por estarem comigo desde o começo da minha vida universitária, por terem me apoiado e aconselhado em todos os momentos do dia-a-dia, sabendo dividir e/ou compartilhar comigo os segredos e as dificuldades.

Agradeço à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e a todos funcionários da UNILAB, especialmente professores do Instituto da Humanidades pelo ensinamento sobre vida e a ciência.

Durante o percurso acadêmico tive a oportunidade de conhecer pessoas que construímos laços de amizade, companheirismo e sempre coisas boas e dificuldades, Braima Calilo Sadjó, Elizandro Fernandinho Có, Lucia de Sá, Paulo Anos Té, Ianique Nanque, Tomas Manuel Djú, Fatumata Djarai Balde, Dines Albano Mbambe, Umaro Ceide, Dime Gomes Có, Adilaida, Jacse Kamparam, Vitoria Có, Amado Magané, Baite Damenbaca, Pansau Mbali, Marcos Moreira Cachias, Amélia Rosa Mendes meus agradecimentos.

RESUMO

A identidade cultural é a forma como somos, nos comportamos, comunicamos, ou ainda, o nosso modo de viver. Esse fenômeno pode ser influenciado por vários fatores, principalmente o da globalização, considerado um campo intenso de conflitos e de hegemonia que busca unificar e padronizar a vida na sociedade. No contexto universo, essas mudanças podem ocorrer de maneira mais rápida e intensa, devido ao processo de integração dos indivíduos associados ao processo de (re)construção de saberes. Na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira existem alunos de diferentes países (Angola, Brasil, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste) que dividem o mesmo espaço. Essa convivência pode resultar em transições que são típicas da globalização, o que poderá forçar a fragmentação das culturas dos países da origem desses estudantes. No contexto específico dos estudantes guineenses na Unilab, apesar de muitos estudos realizados na mesma instituição terem reconhecido essas mudanças, nenhum buscou abordar o fenômeno. Diante disso, o objetivo do presente trabalho consiste em analisar a influência da globalização na identidade cultural dos estudantes guineenses da universidade federal de integração internacional da lusofonia afro-brasileira (UNILAB). A pesquisa será de natureza quanti-qualitativa e interdisciplinar com método etnográfico, que será realizada em duas fases: a primeira fase – trata-se de levantamento de dados macros, os quais fornece um quadro atual da presença acadêmica dos estudantes guineenses na Unilab. A segunda fase será entrevista semiestruturada e grupo focal, cujo objetivo é identificar e analisar a influência da globalização na identidade cultural desses estudantes. A pesquisa será realizada na Unilab/Ceará e tem como público-alvo estudantes guineenses do segundo e terceiro semestre do Curso de Graduação em ciências humanas. Este estudo contribuirá para a produção do conhecimento científico nas áreas humanas, especialmente bacharelado em humanidades (BHU) e na antropologia, uma vez que são as ciências ou áreas que buscam compreender os aspectos culturais dos indivíduos na sociedade.

Palavras-chaves: Identidade Cultural; Globalização, Estudantes Guineenses na UNILAB.

ABSTRACT

Cultural identity is the way we are, behaviors, communicate, or even our way of life. This phenomenon can be influenced by several factors, especially the globalization process, considered an intense field of conflicts and hegemony that seeks to unify living standards in society. In the universe context, these changes can occur faster and more intensely, due to the process of integration of individuals associated with the process of (re) construction of knowledge. At the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony there are students from different countries (Angola, Brazil, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique, Sao Tome and Principe and East Timor) who share the same space. This coexistence can result in transitions that are typical of globalization, which may force the fragmentation of the cultures of the countries of origin of these students. In the specific context of Guinean students at Unilab, although many studies conducted at the same institution recognized these changes, none sought to address the phenomenon. Given this, the objective of this paper is to analyze the influence of globalization on the cultural identity of Guinean students of the Federal University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). The research will be quantitative and qualitative and interdisciplinary with ethnographic method, which will be carried out in two phases: the first phase - it is a survey of macros data, which provides a current picture of the academic presence of Guinean students at Unilab. The second phase will be a semi-structured interview and focus group, whose objective is to identify and analyze the influence of globalization on the cultural identity of these students. The research will be conducted at Unilab / Ceará and is aimed at Guinean students from the second and third semester of the Undergraduate Course in Humanities. This study will contribute to the production of scientific knowledge in human areas, especially Bachelor of Humanities (BHU) and anthropology, since they are the sciences or areas that seeks to study the cultural aspects of individuals in society.

Keywords: Cultural Identity; Globalization, Guinean Students at UNILAB.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 OBJETIVOS.....	12
2.1 Objetivo Geral.....	12
2.2. Objetivos Específicos	12
3 JUSTIFICATIVA	13
4 REVISAO BIBLIOGRÁFICA	15
5 METODOLOGIA.....	22
5.1 Tipo de Estudo	22
5.2 Técnicas de Pesquisa a Serem Utilizadas	26
5.3 Local da Realização da Pesquisa	27
5.4 Descrição dos Participantes	27
5.5 Análise de Dados	28
6 CRONOGRAMA DA PESQUISA	29
7 REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

A globalização remonta a partir de sec. XV durante o período mercantilista, quando várias nações europeias se lançaram ao mar em busca das novas terras e riquezas. O fenômeno vem se desenvolver já a partir do século XVIII, que caracterizou por um aumento de maior fluxo de força de trabalho que a Europa estava necessitando em outros continentes, especialmente nas suas novas colônias, África, Ásia e América.

Segundo Santos (2001), no documentário intitulado “O mundo globalizado visto do lado de cá”, existem duas fases da globalização. A primeira fase começou com a “descoberta” e conquista dos povos colonizados em África, Ásia e no continente americano pelos europeus. Assim, obrigaram a população local a abandonar as suas práticas culturais (línguas, danças, vestuários, músicas, religião, etc.). Vale ressaltar que essas práticas foram consideradas inúteis pelos europeus, e esta fase da globalização pode ser chamada colonialismo que tem como característica ocupação territorial e comercialização de escravo.

A segunda fase da globalização ocorreu com grandes fragmentações dos espaços e das técnicas das comunicações. O desenvolvimento tecnológico permitiu aproximação dos povos e terras. A partir desse momento se começa o desmantelamento de estado de bem-estar social, afastamento do homem da natureza, isso conduz o mundo a autêntica desumanização, o mundo passa a ser dominado pelas grandes empresas (sistema capitalista), o consume passa a ser o grande fundamentalismo, o homem não está mais no centro de universo, o que leva-o a perder a sua qualidade, os bens materiais passaram a ganhar mais valor, ou seja, passaram a ocupar o centro do universo, além do individualismo e a dominação do homem pelo homem, a privatização dos recursos naturais, entre outros aspetos. (SANTOS, 2001)

Segundo Escobar (1995; RIBEIRO, 1992; RIST,1997, apud, RIBEIRO, 2014), de maneira semelhante ao que aconteceu com o desenvolvimento depois da Segunda Guerra Mundial, globalização, a partir das décadas 1990, tornou-se um indicador de transformações capitalistas e de processo de integração”. (RIBEIRO, 2014, p. 25).

Com estas características que a globalização incorpora, santos (2001), na primeira fase da globalização acima citada, o colonialismo fez uso do conceito de raça ao nível biológico para justificar toda a exploração praticada contra povos e territórios africanos, asiáticos e americanos. Já a segunda fase é mais recente, sec. XX, aqui o conceito de raça, biologicamente falando, perde força e fala-se mais em identidades e diversidade cultural. Segundo Hall (2009), conceitualmente, a categoria raça não é científica. As diferenças atribuíveis a raça numa mesma população é tão grande quanto aquelas encontradas entre populações racialmente definidas.

Raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual conseguiu fragmentar as identidades culturais e os espaços, ou seja, territórios nacionais que possibilita uma organização de sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão social, ou seja, o racismo.

O conceito de raça “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre grupos étnicos ou nacionais, através das suas línguas, costumes, comidas, danças, vestiários entre outros, sem que houvesse diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes. O conceito “raça” vai ganhar novo sentido moderno da palavra para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominadas raças. O conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que si, identificava com os Francos, de origem germânica em oposição aos Gauleses, população local identificada com a Plebe. (MUNANGA, 2003, p.1)

Segundo Oliveira (1976, apud MUNGOI, 2006), a identidade além de ser algo construído, ela possui duas dimensões que se interligam: pessoal (individual) e social (coletivo), ainda afirma que a ideia de contradição para referir que a identidade étnica, nacional ou continental se constrói através das nossas afirmações identitárias diante dos outros, isto quer dizer, além daquilo que pode ser dado pelo continente. Estado ou grupos étnicos, o indivíduo poderá construir outras identidades a partir dos seus novos relacionamentos, interações com outros grupos, mas nunca colocará de lado as primeiras. (MUNGOI, 2006, p.92)

A identidade, é a forma pelo qual podemos nós diferenciarmos dos outros, através desta diferenciação, as pessoas poderão saber qual lugar pertencemos, além das outras formas que adquirimos no nosso dia a dia com os outros, a comunidade ou grupo no qual pertencemos pode ser visto como uma instituição que molda a nossa forma e o nosso modo de viver, isto quer dizer, que estes grupos têm um padrão de conduta.

A globalização que fez com que o Brasil e a África tivessem as suas relações e que vem aumentando com o passar do tempo. Desde o processo escravocrata no início do século XVI, com o fim do comércio de escravo em 1888, o Brasil se distancia da África ou cortou a cooperação com os países africanos desde o processo escravocrata, eles veem se afastando fisicamente, mas com um grande número dos africanos no território brasileiro. (MUNANGA, 2018).

A partir da descolonização e da libertação dos países africanos do jugo colonial, o Brasil começa a retomar os seus contatos diretos com a África. Esses contatos que começam

paulatinamente no plano da diplomacia pela abertura de representações diplomáticas africanas no Brasil e das representações diplomáticas brasileiras na África irão se estender timidamente às relações econômico-comerciais, principalmente a partir dos anos 1960. (MUNANGA, 2018).

A relação entre o Brasil e a África começou com o presidente Jânio Quadros a partir de 1960, quando criou a primeira missão diplomática brasileira em Acra, capital da Gana, considerado o primeiro país da África subsaariana a se libertar do jugo colonial britânico, em 1957. O que seriam essas novas relações em termos de conteúdo? Seriam apenas relações diplomáticas encobrindo as relações de trocas econômicas e comerciais ou teriam algo específico que as diferenciam das relações com os antigos países colonizadores. (MUNANGA, 2018).

Essa nova relação que o Brasil estabelece com a África possibilitou vários acordos de cooperação no âmbito cultural e educacional, através dos programas de bolsas de estudos para graduação e pós-graduação PPEC-G e PEC-PG, recentemente a criação da Universidade de Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), que reforça a relação da cooperação solidária entre o Brasil e os Países Africanos de língua Portuguesa e Timor Leste. Outro acontecimento importante e que reconhece a existência da população africana no Brasil foi a Lei 10.639/03, que obriga o ensino da história e das realidades africanas na escola brasileira (MUNANGA, 2018).

O governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República da Guiné-Bissau assinaram em 18 de maio de 1978 acordo Básico de Cooperação Técnica com o objetivo de favorecer a abertura de novas oportunidades para a cooperação bilateral em temas definidos como prioritários pelos governos dos dois países. Em 1981 foi criado oficialmente O Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), oferece bolsas de estudo para nacionais de países em desenvolvimento com os quais o Brasil possui acordo de cooperação cultural e/ou educacional no qual a Guiné-Bissau faz parte, para formação em cursos de pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Esse acordo vem sendo reforçado em 2011 com a criação da UNILAB, garantindo vaga para as estudadas guineenses.

Assim, faz-se interessante abordar a presença dos estudantes guineenses na UNILAB sobre o processo de integração e possíveis mudanças de estilo de vida que ocorre devido ao deslocamento do país da origem e da integração com outros povos, línguas e culturas.

A ideia deste trabalho surgiu a partir da minha vivência acadêmica. No dia 23 janeiro de 2018 cheguei ao Brasil para cursar bacharelado em humanidades na Universidade da

Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), na minha andança nos corredores da universidade, escutei várias frases, tais como, “eu não vou falar crioulo, não sei falar a minha língua materna (língua étnica), não vou vestir tal roupa porque as pessoas ficam olhando para mim”, dentre outras. No segundo semestre, numa disciplina sobre “território e poder”, ministrado pelo Professor Dr. Carlos Henrique, foi abordada à questão da migração e globalização, e no mesmo semestre participei de um curso de extensão com o tema “portas abertas e braços abertos”, ministrado pelo Professor Dr. Carlos Subuhana, onde foi abordada a problemática da migração e globalização.

Por outro lado, a identidade e a globalização, tornaram-se politizados. Esse fato me levou refletir sobre as frases supracitadas. Dessa reflexão surgiu a seguinte indagação: qual é a relação entre a globalização com as identidades culturais?

Na tentativa de responder à indagação acima, comecei fazer várias leituras sobre a globalização. Para Santos (2002), a globalização é o processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival. Dentro desse processo de aproximação pode ocorrer-se desigualdade:

A globalização é o conjunto de trocas desiguais pelo qual um determinado produto, condição, entidade ou identidade local estende a sua influência para além das fronteiras nacionais, desenvolvendo uma capacidade de designar como local outro produto, condição, entidade ou identidade (SANTOS, 2002).

Ao pensar com Santos, é possível compreender que a globalização não se trata apenas de um processo consensual, mas sim de um campo intenso de conflitos e de hegemonia, que busca a mundialização da economia e da cultura dos povos mais fortes, tendo por base uma cultura dominante/colonial, caracterizada pelo consumismo, por uma economia forte, tipicamente de países mais desenvolvidos. Esse fato foi confirmado por Figueiredo Rocha (2002), ao afirmar que, é evidente que a globalização hegemônica tem como um dos seus efeitos a fragmentação do espaço ao extremo das possibilidades.

No contexto cultural, se traduz essencialmente pela tentativa persistente e poderosa de homogeneização dos universos simbólicos com a imposição dos modos de pensar e de agir conforme os interesses hegemônicos, o que pode ocasionar a desintegração das condições locais, da biodiversidade e de suas práticas tradicionais frente ao mundo. Para Santos (2002), a globalização pode acabar com o sistema nacional enquanto núcleo das atividades humanas organizadas, influenciando e alterando a cultura, os modos de produção, a economia e até a

organização de um povo, impondo uma cultura considera superior, a cultura de um povo rico, soberano e economicamente desenvolvido.

A este respeito alguns autores questionam se a globalização cultural não deveria ser mais corretamente designada de ocidentalização ou americanização, dado os valores, os objetos culturais e os universos simbólicos que se globalizam serem sobretudo ocidentais e, frequentemente, norte-americanos (GOUVEIA 2003, APUD SANTOS, 2002).

Diante do exposto, surge a seguinte indagação: será que o processo da globalização influência nas manifestações das identidades culturais dos estudantes guineenses na UNILAB? Quais são as estratégias dos estudantes para manutenção e/ou reprodução e valorização dessas identidades culturais usadas na UNILAB? O que pensar das festas de independência carregadas de simbologias culturais (música, dança, roupas, etc...)?

Nota-se que essa preocupação foi relatada por Subuhana (2009), ao afirmar que, “a questão é, se é possível imaginar as novas nações africanas - Moçambique, Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau ou São Tomé e Príncipe, como projeção do presente para o futuro, sem que para isso seja necessário abandonar as tradições culturais locais ou abraçar de modo incondicional a cultura ocidental”.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar a influência da Globalização na Identidade Cultural dos estudantes guineenses.

2.2. Objetivos Específicos

Verificar as práticas culturais dos acadêmicos guineenses da Universidade federal de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira;

Analisar a trajetória acadêmica dos estudantes guineenses em UNILAB;

Compreender os impactos da globalização nas identidades culturais dos estudantes guineenses da mesma universidade.

3 JUSTIFICATIVA

A inserção universitária representa um período de grandes mudanças na vida de jovens estudantes como, por exemplo, senso de identidade autônomo e a responsabilidade, devido à saída da casa dos pais. Essas mudanças, muitas vezes trazem repercussões positivas ou negativas no desenvolvimento físico, psicológico e social dessas pessoas (SANTOS, 2009).

No contexto dos estudantes estrangeiros, além das mudanças acima mencionadas, vivenciam as transições que são típicas da globalização, tais como: a imposição das culturas das grandes potências mundiais sobre as culturas tradicionais, isto é, o arrastamento das identidades culturais para uma hegemonização que de uma forma possibilita a fragmentação que visa o silenciamento e subalternização das culturas dos países da origem desses estudantes.

Vários estudos mostram que, a livre circulação das pessoas, aumento dos fluxos migratório, aumento das trocas comerciais, empresas transnacionais, procura de melhores condições de vida são fatores que contribuem para o desaparecimento de algumas culturais em detrimento das outras (SANTOS, 2009). Tais fatores resultam dos processos de mundialização do capital, implementados ao longo dos tempos nos países emergentes e em desenvolvimento sob a dominação dos países desenvolvidos.

Ainda sobre o desaparecimento cultural, a uniformização do planeta ao nível alimentar, de vestuário, internacionalização das marcas, uniformização das culturas na perspectiva eurocêntrica ou americana, centralização da vida privada, afastamento de laços familiares extensos, individualismo, controle da vida das pessoas através das grandes empresas de telecomunicações, ou seja, mídias, o papel tendencioso das mídias na desvalorização das culturas tradicionais, também podem ser consideradas como fatores que influenciam nas mudanças culturais.

No que se trata de estudantes Guineenses na UNILAB, vários deles foram realizados abordando os seguintes temas: presença das estudantes guineenses na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (IMPANTA, 2015), impactos dos sistemas do ensino guineense (BATHILLON, 2016), integração de estudantes de Ensino Superior, oriundos da República da Guiné-Bissau, no ambiente de chegada (SILVA, 2016), vivências, os dilemas, os conflitos e as relações étnico-raciais dos migrantes estudantes que saíram da Guiné-Bissau para Fortaleza com o objetivo de estudar (RIBEIRO, 2016), influência da musicalidade rap na formação da identidade cultural em Guiné Bissau (GAMA, 2017), descrever as dinâmicas sociopolíticas e culturais, identidades culturais e ritos de iniciação da etnia Balanta (SEIDE, 2017), compreender a ligação entre a pluralidade linguística da Guiné-

Bissau e sua representatividade cultural-identitária que encerra múltiplas comunidades linguísticas apontando para uma certa unidade a partir do *kriol* (INTIPE, 2018), entretanto, nenhum dos estudos avaliou a influência da globalização na cultura.

No estudo realizado pela Impanta (2015), os resultados revelam que as redes sociais dos estudantes guineenses são bem amplas e diversificadas, isto é, não se restringindo a um grupo específico, o que pode contribuir significativamente nas mudanças culturais desses jovens. Vale apontar ainda a questão do acesso às informações, uma vez que se trata de estudantes. Diante desse cenário, surge a necessidade de investigar a influência da globalização sobre as culturas dos estudantes guineenses numa Universidade Federal de cunha Internacional.

Este estudo contribuirá para a produção do conhecimento científico nas áreas humanas, especialmente bacharelado em humanidades (BHU) e na antropologia, uma vez que são as ciências ou áreas que procura estudar os aspectos culturais dos indivíduos na sociedade.

4 REVISAO BIBLIOGRÁFICA

A globalização está sendo usada pelos países de norte do mundo para tirar proveito dos países de sul, quer dizer, os países de norte têm interesse no controle da economia e de monopólio do mundo, sendo assim Santos, (2015) lhe considera como época na história das humanidades no qual existe mais desigualdade social, distribuição da pobreza para os pobres e distribuição da riqueza para os ricos.

Neste mundo globalizado, o consumo, a confusão dos espíritos constituem baluartes do presente estado de coisas. A competitividade comanda nossas formas de ação. O consumo comanda nossas formas de inação. E a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo, do país, do lugar, da sociedade e de cada um de nós mesmos. (SANTOS, 2015, P.46).

Podemos destacar os principais pontos positivos que ela traz: os avanços tecnológicos que tornam mais fácil a vida das pessoas, facilita o fluxo de informação e de capitais mediante inovações nas áreas das Telecomunicações e da Informática, por outro lado, os seus pontos negativos são: a maior parcela do dinheiro fica entre os países mais desenvolvidos, conseguem lucros astronômicos e cria uma relação desproporcional, o que gera uma brutal concentração da riqueza, assim podemos definir a globalização como um processo de aprofundamento das relações econômicas, sociais, culturais e políticas entre os povos espalhados pelo mundo com a intenção a dominação ou exploração.

Segundo Santos (2015), quando estamos a falar de aumento acelerado das populações na globalização, podemos ver o fluxo migratório que causa mais a movimentação ou fragmentação dos territórios é através das guerras que lhe causa, uma vez sem-teto, sem água, o aumento significativo de desemprego se torna crônico, crescimento da pobreza e os homens perdem qualidade de vida, a maior parte da população sem uma educação acessível de qualidade, os males espirituais e morais espalham-se e aprofundam-se, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção, os nepotismos, são todos os fatos que a globalização está estabelecendo como uma fábrica de perversidades para humanidades.

A comunidade tradicional pode ser vista como uma teia que possui muitos significados, por exemplo, a comunidade guineense na UNILAB além de se identificarem como guineenses, tem diferentes grupos étnicos, religião, línguas, danças, vestiário entre outras formas, mas esta diferença pode ser visto internamente, quando se trata de relação entre os guineenses, uma vez frente dos outros grupos africanos essa diferença não é vista, todo mundo passa a ser visto como guineense com uma única identidade, assim os estudantes guineenses passam a constituir uma única identidade que é Guineense.

Com a política da globalização, essas diversidades culturais étnica existente nos países africanos, em particular na Guiné-Bissau, que de certa forma cria uma identidade nacional são politizados, segundo (RIBEIRO, 2014) no seu livro intitulado “outras globalizações, cosmo políticas pós-imperialistas” afirma que as diversidades culturais apresentadas em alguns países como no caso do Brasil são politizados.

[...] a diversidade cultural tem se tornando um tópico altamente politizado tanto internamente aos Estado-nação como em um nível global. A política da diferença evolui rapidamente, transformando demais etnias e cultura por reconhecimento em importante campo de luta política contemporânea, conseqüentemente, muitos discursos, ideologias e utopias referem-se à questão da diversidade cultural [...] (RIBEIRO, 2014, P.174).

No entanto, as críticas feitas particularmente para às formulações ocidentais (eurocêntrico) e América, tendo em conta as suas ações hegemônicas, sufoca outras perspectivas, o eurocentrismo e americanização no sistema mundial proporcionou novo etnocentrismo europeu e americana para ser universal, a eurocentrismo e americanização de atualidade confundiu, portanto, a universalidade filosófica com a globalidade concreto hegemônica pela Europa e América como centro.

Cunha (1986), afirma que para conceber a identidade étnica como a forma de diferenciação que pode ser baseada na contratilidade, ele vai mais adiante com um exemplo dos ex-escravos libertados que retornaram para o país de origem concretamente em (Lagos, Nigéria), o fato de não serem reconhecidos pela comunidade de origem por causa da língua portuguesa, a roupa ocidental, cozinha, festas e cultos religiosos os destacavam dos brasileiros social e culturalmente, criaram as suas comunidades, eles são considerados de estrangeiros no país da origem devido as novas formas. A narrativa de Cunha ajuda refletir sobre as incertezas, a inexistência de autenticidade e continuidades nas identidades dos estudantes guineenses no Brasil. Em contato com a sociedade brasileira, a influência de outros valores culturais são é inevitável, fato que pode criar um distanciamento dos estudantes em relação aos modelos culturais da sua sociedade de origem.

Weber (1991), entende que a “comunhão étnica”, neste sentido, resulta do sentimento de comunidade, ou seja, não é uma comunidade propriamente dita, mas um elemento que facilita as relações comunitárias. No sentido definido por Weber, os estudantes guineenses poderiam ser considerados como grupos étnicos na medida em que, apesar de sua diversidade em diferentes níveis, creem que fazem parte de uma mesma comunidade de origem, valores e história comuns: a origem africana ou guineenses, a condição de estudantes em

“imigração temporária” e a de ex-colonizados. Mas o que se pretende discutir aqui, não é dizer se estes estudantes constituem um grupo étnico ou não, mesmo que esta forma de relacionamento criada pelos estudantes pode ser vista como uma nova forma de se identificar, uma comunidade imaginada, a perversidade que a globalização carrega e proporciona através das formas capitalista pode criar o neocolonialismo nestes nova forma de identidade destes estudantes.

Hall (2009), lembra ainda que devido ao deslocamento que os sujeitos vivenciam, estes assumem identidades diferentes em vários momentos. Tais identidades não são coerentes nem unificadas. Logo, na perspectiva deste autor, as identidades que se baseiam numa unidade e coerência, representam fantasias e imaginações produzidas pelos sujeitos. Neste contexto, os estudantes guineenses são marcados por identidades híbridas, identidades complexas que vão desde a sua origem étnica, suas condições socioeconômicas e assimilação de novos valores culturais.

Assim, a continuidade das identidades destes estudantes são questionáveis na medida em que estes entram em contato com outras culturas e realidades, afetando deste modo a sua identidade anterior, neste sentido, os sujeitos são desprovidos pelo neocolonialismo, suas identidades não são fixas nem especializadas, o que quer dizer, é construída de forma dinâmica. Embora a hibridização seja uma constante nas análises desse grupo, as referências e valores de suas culturas de origem se fazem presentes nas suas ações e representações demarcam lugares por onde se movimentam.

Segundo Munanga (2003), a igualdade supõe também o respeito do indivíduo naquilo que tem de único, como a diversidade étnica, e cultural e o reconhecimento do direito que tem toda pessoa e toda cultura de cultivar sua especificidade, pois fazendo isso, elas contribuem a enriquecer a diversidade cultural geral da humanidade.

Têm-se culturas particulares que escapam da cultura globalizada e se posicionam até como resistência ao processo de globalização. Essas culturas particulares se constroem diversamente tanto no conjunto da população negra como no da população branca e oriental. É a partir da tomada de consciência dessas culturas de resistência que se constroem as identidades culturais enquanto processos e jamais produtos acabados. São essas identidades plurais que evocam as calorosas discussões sobre a identidade nacional e a introdução do multiculturalismo numa educação-cidadã, etc. (MUNANGA, 2003).

Esta forma do enriquecimento das culturas passas simplesmente de não condicionar as outras culturas ou considera-los primitivos, uma vez que a Europa e América que são os maiores detentores do mundo capitalista e queiram que as suas culturas sejam fixas no centro

do universo, ou seja, será difícil encontrar uma forma de enriquecimento tendo em conta o ego que está fixado pela globalização hegemônica, logo daí que vem as lutas pelo reconhecimento de si e demais restante grupo.

Está caracterizada pela ausência ou diminuição de barreiras econômicas e imigratórias entre os países que não têm uma base sólida em suas finanças, nos seus mercados, torna-se fácil aos ataques de capital estrangeiro, não como forma de investimento direto e a longo prazo, mas sim com o objetivo de ganhar dinheiro fácil e rápido, é a partir deste momento que surgiu o fenômeno que podemos chamar da globalização hegemônica.(HALL, 2009).

Com esta abertura mercantilista que a Europa iniciou, faz com que o consumidor passa a ser uma nova categoria de cidadão, eles têm acesso a produtos importados a baixo custo, este processo contribui ainda para a universalização do acesso aos meios de comunicação expresso pelo barateamento das tecnologias e dos métodos de produção. A globalização tem como a imagem mais notável a Internet, a rede planetária de computadores. Ela tornou-se possível graças a pactos entre diferentes entidades públicas e privadas por todo mundo. Deste modo, as línguas dos dominadores tornam-se fundamentais na Internet, como uma forma rápida eficiente e totalmente nova para se relacionar com pessoas de outros países. No entanto, não deixa de ser uma forma de colonização cultural, pois outros idiomas e culturais são deslocados ou menos valorizados.

Rocha (2002), afirma que é evidente que a globalização hegemônica que tem como efeitos a fragmentação do espaço ao extremo das possibilidades, pois a cada momento se cria mais uma divisão entre o espaço de lazer, de morar, de consumo, de trabalho, etc., todos eles diretamente implicados no automatismo produtivo. Uma consequência de tal fragmentação é a ausência da noção de totalidade, que se torna também desnecessária.

Na realidade, cada indivíduo que participa em várias culturas fabrica a sua identidade única, formando uma identidade sincrética (CUCHE, 2001). A coletividade de seu território é que expressa limites de identidade que a diferenciam das demais. A identidade, portanto, pode ser multidimensional, mas não perde a sua unidade por isso, ou seja, a identidade individual segue sendo para o indivíduo moderno, uma identidade com diferentes faces, de acordo com a situação em que se encontra.

No entanto, o que podemos perceber é que a globalização traz grandes impactos para as culturas nacionais no que diz respeito a neocolonialismo da identidade nacional, das línguas, comidas, religiões, costumes, vestuários, tornar a cultura e a esfera política congruente,

contestação da cultura, a delimitação da vida social no tempo e no espaço, distanciamento do homem da natureza, vontade de perpetuar entre outras.

Hall (2009), afirma que alguns autores admitem que as identidades na modernidade está enfrentando grandes dificuldades, vão argumentar de que a mudança estrutural está transformando as sociedades modernas o que levará a fragmentação das paisagens naturais, assim como culturais das classes, gênero, sexualidade, etnicidade, raça até nacionalidade, anteriormente são características que nos tinham oferecido consistente localização como indivíduos sociais. Com aparecimento dessas fragmentações proporcionadas pela globalização muda a nossa identidade pessoal, retira de nós a ideia que tínhamos como sujeito integrado, o individualismo ganha mais espaço, estes autores vão dizer que todo esse conjunto de fatos que vais constituir uma crise nas identidades para os indivíduos.

Em outras palavras ela traz aproximação entre as pessoas, dos países e dos continentes, fortalecimento das identidades de territórios, pode se constituir num elemento importante da afirmação dessas diferenças e da constituição de uma identidade nacional formada pelo seu conjunto. Seu fortalecimento poderia proporcionar a formação de uma estratégia consistente de contraposição à globalização hegemônica, inclusive quanto à formação da “identidade nacional”, pelo fortalecimento das ações que ampliam as bases da solidificação da multiculturalidade (HALL, 2009).

De acordo com Stuart Hall (2009), as culturas nacionais deveriam ser pensadas como “constituindo um dispositivo que representa a diferença como unidade ou identidade”. Suas diferenças seriam unificadas “através de diferentes formas de poder cultural.

Na globalização o indivíduo, será que esta nova forma de reviver a necessidade de não perder as práticas culturais de origem, não se acabam por ser arrastado pela dominação capitalista? O neocolonialismo da sua língua, costume, ou seja, se acaba por simplesmente ser alienado? Como aconteceu no processo escravocrata, onde os escravizados não tiveram direito, além de serem arrancados das suas terras e foram levados em terras distantes, isso lhes se distanciando das suas práticas tradicionais, com suas religiões, línguas entre outras por cima de tudo foram impostos adquirirem outras culturas.

Segundo Giddens (1990, P.37-38, APUD HALL, 2009) “nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque carregam e perpetuam a existência de gerações. A tradição é como meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recentes.

É o que podemos ver hoje, mas já de uma forma mais moderna através do mercado de consumo; de trabalho, onde o valor dos indivíduos não está mais sendo visto, os materiais passam a ter mais qualidade, valor; o papel desempenhado pelas mídias neste processo da globalização. Para entender melhor a questão das diferenças culturais que podem determinar os espaços possíveis de serem ocupados no mercado por essas expressões culturais, torna-se necessário de imediato, a compreensão dos conceitos de identidade e de diferença cultural.

Uma vez que a identidade se constrói consoante a pessoa, lugar onde vive, as velhas identidades na modernidade, ou seja, na globalização está em constante transformação ou fragmentação, onde a hegemonia opera como o suporte dos mais fortes, isto é, as identidades estão em crise. Hall (2009), afirma que visão que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada no “interior” entre o eu e a sociedade.

Segundo Hall (2011), existem três (3) concepções da identidade que são: sujeito de iluminismo que é o indivíduo centrando no seu “eu” interior com intuito de conservar e preservar a sua identidade, ele é diferente de sujeito sociólogo que cria a sua identidade particular a partir do seu relacionamento com a sociedade, nesta sociedade podem se encontrar distintas práticas culturais como aqui na UNILAB onde o hibridismo e multiculturalismo atua como motor dessa sociedade. Essa sociedade pode ser integrada ou aceita pelos estudantes uma vez que a hegemonia proporcionada pela globalização não tem as intenções de arrastá-los, assim para o sujeito pós-moderno as identidades estarão em constante deslocamento.

A base na qual a globalização sustenta a sua intenção de unificação contém muitas diferenças, isto é, existe somente a homogeneização entre as classes sociais mais bem-sucedidas e de uma certa forma existe também homogeneização entre os pobres, não existe a homogeneização entre os negros e os brancos.

Todas as identidades estão localizadas no tempo e no espaço simbólico. Elas têm aquilo que Edward Said (1990, apud, Hall, 2009), chama de suas “geografias imaginárias: “suas paisagens” características, seu senso de “lugar”, de “casa/lar”, ou *heimat*, bem como suas localizações no tempo nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mito de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conecta o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes.

Não se confunde a globalização hegemônica com multiculturalismo, globalização pode ser entendida, em outras palavras, como uma luta entre globalizador e globalizando, neste processo, a vitória é aparentemente tão absoluta de modo que os derrotados desaparecem completamente na cena. O multiculturalismo pode ser entendida como sendo acumulação de várias culturas sem pôr em causa a sua, ou seja, onde o indivíduo pode adquirir

outras culturas e saber lidar com ambas sem colocar nenhuma das outras encima, mas sem achar de que outra é mais importante, isto facilita no relacionamento e também na mudança de um espaço a outro, de uma sociedade também, desde que o indivíduo soube lidar com estas características de diversidades cultura.

“Segunda qualificação relativa aos argumentos sobre a homogeneização global das identidades, é que a globalização é muito desigualmente distribuída ao redor do globo, entre regiões e entre diferentes estratos da população dentro das regiões”. Hall (2011). Essa forma da globalização que os autores chamam de geometria, onde diferentes indivíduos, ou seja, grupo das pessoas ocupam posições diferentes, isto não está interligada as suas formas de movimentação, mas sim diz respeito ao poder em relação aos fluxos. O movimento nesta relação, há alguns grupos que estão de uma ou da outra forma em uma posição central em relação as outras, os que recebem faxes, os que controlam as informações, organizam os investimentos e as operações em moedas internacionais, estes grupos podem ser chamados de detentores da globalização ou civilização. (RIBEIRO, 2014).

Há aqueles grupos que fazem movimento físico, mas que não estão no comando, os refugiados, os que migram em busca da melhoria de condição de vida que não são bem-vindo nos EUA ou na Europa. (...) “uma vez que a direção de fluxo é desequilibrada, e que continuam a existir relações desiguais de poder cultural entre o “ocidente” e o “resto”, pode ser que a globalização – embora seja, por definição, algo que afeta o globo inteiro seja essencialmente um fenômeno ocidental segundo (HALL, 2011).

Segundo Hall (2009), as sociedades modernas são altamente reflexivas e com alta capacidade de desalojamento do sistema social, provocando rupturas e fragmentações no seu interior. Em suas observações sobre as sociedades tradicionais afirmam que elas veneram o passado e, os símbolos são valorizados, perpetuando a experiência de gerações. Em outras palavras, o Scheren-Warren (1998, apud Hall, 2009), vai afirmar que as articulações entre culturais reavaliadas e as novas utopias de transformação permitiriam, assim, aos movimentos sociais trazerem novas significações aos processos civilizatórios. O que isto quer dizer, quando estamos falar da civilização ou multiculturalismo, não é renunciar ou afastar-nos de um conjunto de fatos que de certa forma nos representa e passa se sentir mais satisfeito com as de outros.

5 METODOLOGIA

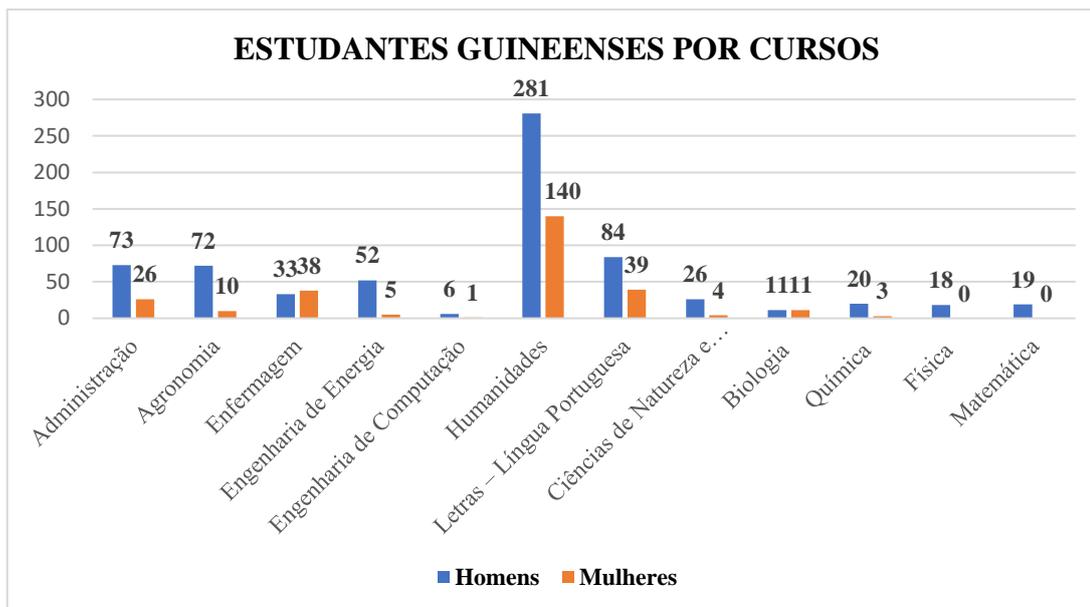
5.1 Tipo de Estudo

A pesquisa será de natureza quanti-qualitativa e interdisciplinar, a qual segundo Creswell (2007), é a investigação que utiliza diferentes concepções filosóficas, estratégias de investigação e formas de coleta, análise e interpretação dos dados. Ele ainda mostra que, embora os processos sejam parecidos com as de pesquisa quantitativa, mas os qualitativos baseiam em dados de texto, imagem, sons e vídeo que têm passos singulares na forma de análise dos dados e, se valem de diferentes estratégias de investigação. Também, para obtenção dos resultados tendo em conta os objetivos da pesquisa.

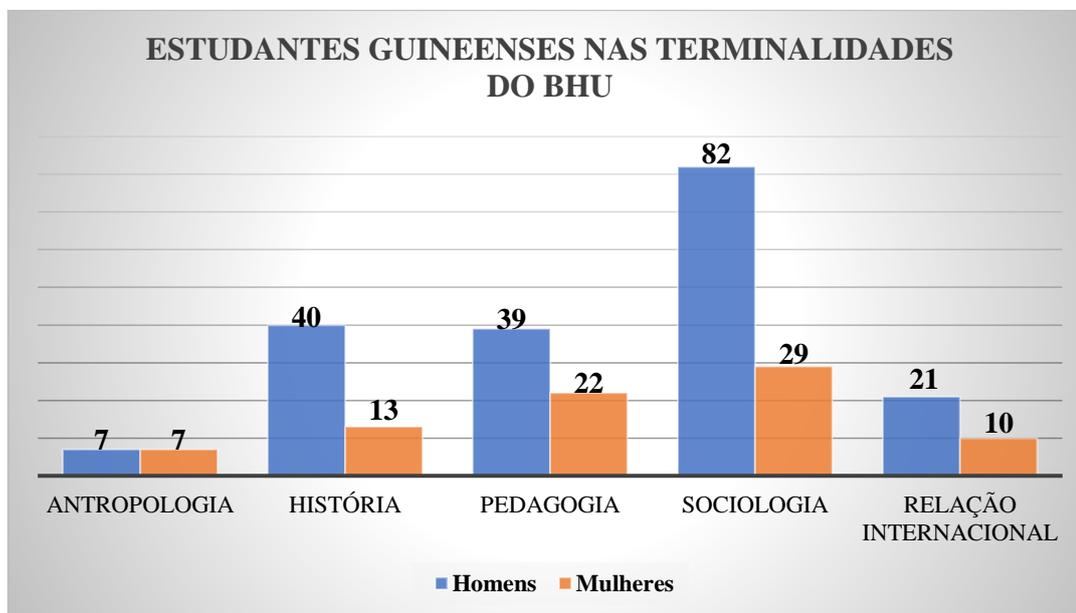
O outro veio, da sociologia como interpretação, levou ao desenvolvimento de métodos qualitativos, visando a entender a lógica de processos e estruturas sociais, a partir de análises em profundidade de um ou poucos casos particulares. Alonso, (2016). Também destacamos a influência da antropologia, a qual marcará a segunda fase da pesquisa a ser desenvolvida na terminalidade em foco. Nesse momento, por meio da realização de etnografia, abordaremos as trajetórias estudantis...

A pesquisa será dividida em duas fases:

- Fase 01: estudo interdisciplinar realizado no âmbito do curso de Bacharelado em Humanidades. Nessa fase inicial faremos a coleta de dados macros, os quais fornece um quadro atual da presença acadêmica dos estudantes guineenses na Unilab. No entanto, segundo os dados fornecido pelo diretório de registro e controle acadêmico (DRCA) dos estudante guineenses da mesma instituição, tanto daqui do Ceara assim como de Bahia, podemos ver o número total dos estudante guineenses desde abertura da universidade até o presente momento ou semestre, dos seus status, cursos, gênero e veremos as terminalidades dos cursos de humanidades onde o nosso estudo será realizado no tabelas apresentadas em baixo:



Aqui podemos perceber o quanto os cursos das ciências exatas possuem um número significativo dos homens com a exceção em enfermagem, alguns desses cursos não tem nenhuma no caso da física e matemática. Portanto, como podem ver na tabela abaixo, o curso das ciências humanas com as suas respectivas terminalidade têm mais aderências tendo em conta as vagas ofertadas com a exceção da antropologia que é menos procura ou menos conhecido.



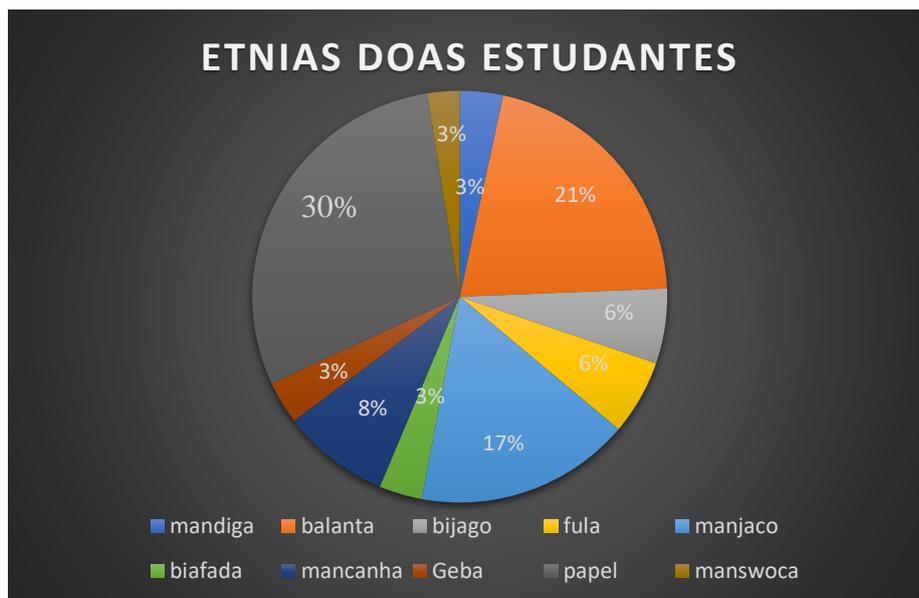
- Fase 02: estudo antropológico realizado no âmbito do curso de Bacharelado em antropologia. Nessa fase adentraremos o universo micro das relações sociais com foco nas trajetórias estudantis. Será realizada uma etnografia, antes de mais:

A etnografia é a ideia-me da antropologia, ou seja, não há antropologia sem pesquisa empírica. A empiria, eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação. Não são “fatos sociais”, mas “fatos etnográficos”, como Evans-Pritchard alertou em 1950. Essa empiria que caracteriza, aos olhos de alguns cientistas sociais no caso dos sociólogos pode ser uma desvantagem, se não uma impropriedade, mas os antropólogos aprendem daquele momento em diante que o “método etnográfico” implica a recusa a uma orientação definida previamente. Sendo assim o refinamento da disciplina não acontece em um espaço virtual, abstrato e fechado, ao contrário, a própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual. (MARIA PEIRANO, P.380, 2014)

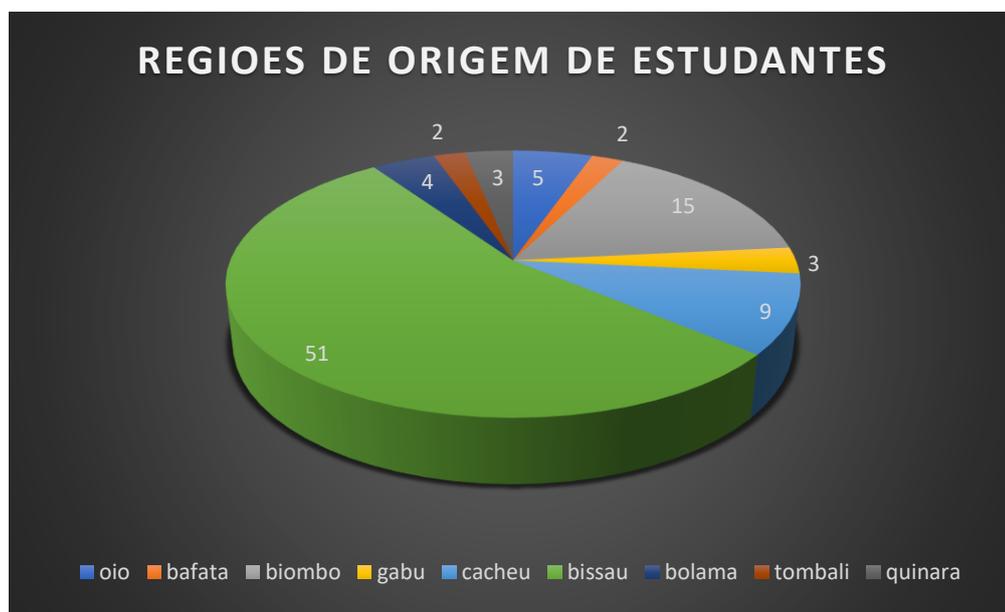
Etnografia consiste num mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana desses outros que queremos apreender e compreender, a etnografia antes de tudo pode ser entendida como maneira específica de conhecer a vida social, suas peculiaridades, fundamentação existencial numa impregnação profunda, no pesquisador (em seu corpo e sua alma, em sua inteligência e sensibilidade), da imprescindibilidade da busca de ‘diálogo para valer’ (FREHSE, 2011, p. 35).

Além dos dados dos estudantes guineenses obtidos pelo DRCA, foi realizada uma pesquisa por meio de questionário, objetivando buscar informações que não foram contempladas nos arquivos da universidade, tais como: etnia e região da origem do estudante.

A maioria dos estudantes pertence à etnia, papel e residia em Bissau e de certa forma pertence a região de Biombo. Esses dados são de suma importância se levarmos em consideração a influência da situação geográfica do país sobre a cultura. No caso da Guiné-Bissau, cada região apresenta certa predominância étnica, o que contribui em predominância de certas práticas culturais.



A Guiné-Bissau tem a superfície total de 36.120 km com mais de trinta e cinco (35) grupos étnicos, esta superfície está composto por oitos (8) regiões, mais sector autônomo capital Bissau, tem a maior concentração de um determinada etnia em cada uma destas regiões, como região de Biombo incluindo Bissau que possui mais contingente da etnia papel, assim a maioria dos estudantes que se encontram aqui são de sector autônomo de Bissau (capital) e a segunda como podem ver no gráfico a baixo são de Biombo.



5.2 Técnicas de Pesquisa a Serem Utilizadas

A técnica a ser utilizada, será entrevista semiestruturada e grupo focal, segundo Boni e Quaresma (2005, p. 72), consideram a entrevista como um “processo de interação social entre duas pessoas, na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo fazer acolhimento de informações por parte do outro, o entrevistado”. E para Olsen e Wendy (s/d, p. 43), “Entrevistar envolve uma interação entre no mínimo duas pessoas”.

Grupo focal é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. Grupo focal é revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão. O grupo deve ser composto de 7 a 12 pessoas. [...] Normalmente, os participantes possuem alguma característica em comum. Por exemplo: compartilham das mesmas características demográficas tais como nível de escolaridade, condição social, ou são todos funcionários do mesmo setor do serviço público. Deve ser dirigido por duas pessoas: uma conversando e a outra anotando. Quem está escrevendo não deve interferir para não misturar os papéis.

Como os autores supracitados mostram que a entrevista é um processo da interação, no momento da investigação, deixarei os/as participantes/as ou entrevistados/as a vontade, para que eles/elas possam expor para mim os conhecimentos que têm sobre a temática abordada.

(...) combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados, (BONI, QUARESMA 2005, p. 75).

O moderador do grupo focal levanta assuntos identificados num roteiro de discussão e usa técnicas de investigação para buscar opiniões, experiências, ideias, observações, preferências, necessidades e outras informações. Utilizar questões e respostas não estruturadas, podendo contribuir para trazer as novas ideias sobre o assunto que está sendo investigado. Deve

captar informações e não dar informações, uma a duas horas de duração e devem ser conduzidas num local com certo grau de privacidade. Cada participante deve falar em torno de 10 minutos. A sala deve ser equipada com recursos para gravação da discussão, sendo que este fato deve ser comunicado aos participantes, assegurando-lhes anonimato e uso exclusivo das gravações para as finalidades da pesquisa. A mesa deve ser redonda. Caso seja quadrada ninguém deve assentar na cabeceira. Os participantes devem ser informados da existência de observadores da discussão.

Nela, o entrevistador é livre para desenvolver questões ao longo da entrevista utilização de informantes, conversas, entrevistas, com perguntas abertas. Já na entrevista qualitativa, a interação ocorre de forma distinta, pois a fluidez da conversa e uma maior interação melhoram a qualidade do dado coletado. Prevalência da forma presencial. (Angelo, 2016)

Baseando nos argumentos dos autores acima referidos, o/a entrevistado/a de certa forma deve consentir, ou seja, ter noção previa do assunto no qual ele/a vai falar, além de o entrevistador possuir as perguntas de controle, e de ter também muito cuidado e prestar atenção na resposta, ou seja, deve ter conhecimento básico do assunto.

5.3 Local da Realização da Pesquisa

O local da pesquisa será na Unilab/Ceará, nos campi de liberdades e na unidade acadêmica de Palmares. Esta instituição na qual a pesquisa será realizada a “UNILAB”, é uma instituição de ensino superior, localizada em dois pequenos municípios do interior do Ceará (Redenção e Acarape) e um no município da Bahia (São Francisco do Conde). Foi criada pela Lei Federal nº 12.289/2010, e iniciou suas atividades letivas em 25 de maio de 2011, data da comemoração do Dia da África. No momento atual, com oito anos de existência, esta instituição federal encontra-se em um desafiador processo de implementação, construção atividade de ensino, pesquisa, extensão, pós-graduação e internacionalização. (GOMES, PONTES LIMA e DA MOTA SANTOS, 2018).

5.4 Descrição dos Participantes

O estudo terá como público participante, os estudantes guineenses de segundo e terceiro semestre de Curso de Graduação em ciências humanas da Unilab, que já possuem

experiencia e o convívio, que estão vinculados com a instituição regularmente matriculadas, dos campuses da Liberdade e da Unidade Acadêmica dos Palmares.

5.5 Análise de Dados

Segundo Flick (2009), a interpretação ou análise de dados não pode de certa forma considerado independentemente de sua coleta, ou seja, da amostragem do material, mas sim deve conter um diálogo com outros trabalhos já feitos da mesma natureza para dar mais credibilidade ou ênfase ao diálogo, a interpretação é o ponto de partida para decidir quais dos dados coletados serão precedidos na integração de análise.

Flick (2001, APUD, STRAUSS E CARBIN, 1990-8, P.3) A codificação é aqui entendida como os dados são fragmentados de novas maneiras. Este é o processo central por meio de qual as teorias são construídas a partir dos dados. No entanto, podemos perceber que a análise de dados envolve uma determinada forma de comparação dos fenômenos da pesquisa e das teorias científicas já feitos.

Por exemplo, se tenho um conjunto de pessoas que passaram por experiências comuns, minha linha de análise tende a ser uma comparação dos relatos dessas experiências buscando o que é comum e o que é singular aos entrevistados. Alonso (2016)

Para analisar os dados coletados vamos utilizar a codificação aberta que tem como finalidade expressão de dados e fenômenos de uma forma conceitual com uma sequência menos longa das palavras, como objetivo de associar anotações e sobretudo, conceito ou código a estas.

7 REFERÊNCIAS

- ALONSO, A. **Métodos De Pesquisa Em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo Sesc São Paulo/CEBRAP São Paulo**, 2016.
- BATHILLON, A. V. **Estudantes guineenses: da educação secundária na Guiné-Bissau à educação superior na Unilab, Brasil**. 2016.
- CRESWELL, J. W. **Projeto De Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo E; Tradução Luciana De Oliveira Da Rocha**. - 2. Ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CUCHE, D. **A Noção De Cultura Nas Ciências Sociais**. Cap VI: Cultura E Identidade, Pp.123-139. Fim De Século. Lisboa. 2001.
- CUNHA, M. C. da. **“Religião, Comércio E Etnicidade: Uma Interpretação Preliminar Do Catolicismo Brasileiro Em Lagos No Século XIX & Etnicidade Da Cultura Residual, Mas Irredutível”** In: **Antropologia Do Brasil: Mito, História, Etnicidade**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.
- FONSECA, D. J. **O Negro No Brasil E Seu Olhar Para A África E A América Latina: Um Olhar Sobre A Globalização Sul-Sul**. Revista Do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais Vol.1 - N.1. 2018.
- FLICK, U. **Codificação e categorização**. In: Introdução à Pesquisa Qualitativa (pp. 265-275). Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GAMA, M. A. S. da. **O RAP COMO AGENTE SOCIAL NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL EM GUINE BISSAU**. São Francisco do Conde. 2017.
- HALL, S. **A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade**. 11. Eds. Rio De Janeiro: Guaracira Lopes Louro, Pp 7-65, 2011. ISBN 978-85-7490-402-3.
- HALL, S. **Da Diáspora: Identidade E Mediação Culturais**, 1. Ed, Humanitas, Belo Horizonte, 2009. ISBN978-85-7041-356-7.
- IMPANTA, I. A. **Estudantes guineenses na UNILAB, Ceará, Brasil: coexistência, representações interétnicas e questões de gênero**. Redenção, 2015.
- INTIPE, B. A. **Unidade linguística na diversidade linguística: o caso do Kriol da Guiné-Bissau**. 2018.
- MUNGOI, D. M. D. C. J. **“O Mito Atlântico”**: Relatando Experiências Singulares De Mobilidade Dos Estudantes Africanos Em Porto Alegre No Jogo De Construção E Reconstrução De Suas Identidades Étnicas. Brasil, Porto Alegre, 2006.
- MUNANGA, K. **Relações África-Brasil: O Que Seria?** Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais. Vol.1 - n.1; P. 6-25; 2018
- MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional, I Rve]rs:uVs** Petrôpo ISBN 85.326.2208-9
- MUNANGA, K. **Uma Abordagem Conceitual Das Noções De Raça, Racismo, Identidade E Etnia**. (USP) Palestra Proferida No 3º Seminário Nacional Relações Raciais E Educação- PENESB-RJ, 05/11/03.

OLSEN, W. **Coleta De Dados**. Porto Alegre: Penso, 2015. Capítulos: Entrevistas P. 43-47; Grupos De Foco P. 85-86.

PRANDI, R. **De Africano A Afro-Brasileiro: Etnia, Identidade, Religião**.

RIBEIRO, R. M. F. **Trajetórias e permanências do africano/estudantes guineenses na “terra da luz” em fortaleza**. Redenção; 2016.

ROCHA, G. de F. F. **A Territorialidade Quilombola Ressignificando O Território Brasileiro: Uma Análise Interdisciplinar**. Coimbra (PT): 2010. ISSN: 1647-0737.

QUARESMA, V. B.; SILVA, J. Q. **Aprendendo A Entrevistar: Como Fazer Entrevistas Em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica Dos Pós-Graduandos Em Sociologia Política Da Ufscvol. 2 Nº 1 (3), Janeiro-Julho/2005, P. 68-80.

GOMES, N. L.; LIMA, A. R. P.; SANTOS, TOMAZ, A. da M. **Unilab - Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira: O Desafio De Uma Experiência Acadêmica Na Perspectiva Da Cooperação Sul-Sul**. Revista Do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais | Vol.1 - N.1 – 2018.

RIBEIRO, G. L. **Outras Globalizações: Cosmopolíticas Pós-Imperialistas**. Rio De Janeiro: Eduerj, 2014. P.312. ISBN978-85-7511-345-5.

SANTOS, M. **O Mundo Global Visto Do Lado De Cá**. 2006.

SANTOS, M. **Por Uma Outra Globalização: Do Pensamento Único À Consciência Universal**. - 25 Eds.- Rio De Janeiro: Record, 2015. ISBN978-85-01-05878-2.

SANTOS, B. De S. (Org.). **A Globalização E As Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, B. de S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SEIDE, S. B. **Organização social, política e cultural da etnia Balanta**. 2017.

SILVA, A. G. D. da. **Trajetórias de estudantes guineenses no Brasil: do processo de integração ao regresso/retorno**. Redenção, 2016.

SUBUHANA, C. **A Experiência Sociocultural De Universitários Da África Lusófona No Brasil: Entremeando Histórias**. Pro-Posições, Campinas, V. 20, N. 1 (58), P. 103-126, Jan./Abr. 2009.

WEBER, M. "Relações Comunitárias Étnicas". IN: **ECONOMIA E SOCIEDADE V.1**. BRASÍLIA: EDITORA UNB,1991.

PEIRANO, M. **etnografia não é método*** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

GOMES, M. E.; BARBOSA, E. F. **A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos**. Fevereiro/1999.